

Paolo Piccione  
Departamento de Matemática  
IME–USP

**Ao Diretor do IME–USP  
À Congregação do IME–USP**

Caro Diretor e demais colegas da Congregação,

escrevo em resposta à carta do Prof. Futorny, apresentada à Congregação deste Instituto em data 28 de julho de 2007. Esclareço que a carta não foi divulgada pelo seu autor fora da Congregação, e que eu mesmo solicitei uma cópia da mesma ao Diretor quando soube da sua existência, dias depois da sua apresentação. A carta do Prof. Futorny foi redigida em resposta a uma mensagem minha enviada coletivamente aos membros da Congregação, inclusive o Prof. Futorny, e a outros interessados na questão tratada.

Gostaria de entrar diretamente na questão substancial do assunto, evitando comentar sobre a linguagem pouco profissional e ofensiva usada pelo Prof. Futorny em sua carta. A meu ver, a escolha da comissão julgadora para o Concurso de Professor Titular na área de Álgebra não seguiu padrões de transparência e objetividade necessários para um evento desse porte, e quero que os membros da Congregação tenham conhecimento dos motivos que me levam a essa conclusão.

Entre os inscritos no concurso em questão se encontram os nomes de três candidatos que já participaram como candidatos no mais recente concurso de titular na área. O presidente da Banca desse último concurso foi o Prof. Shestakov, que de acordo com a proposta do colega Prof. Futorny, será o mesmo presidente para o concurso a ser realizado. É razoável esperar que o Prof. Shestakov não tenha elementos para mudar radicalmente sua avaliação dos candidatos já julgados no último (recente) concurso, e por isso a escolha do mesmo presidente poderia de alguma forma não ser totalmente compatível com o princípio de garantir aos candidatos uma avaliação independente em cada concurso. Vale a pena ressaltar que a avaliação de um candidato de um concurso de professor titular envolve um bom número de considerações subjetivas, e não apenas critérios objetivos ou *artiméticos*. Por um lado, entendemos todos que, em função do número relativamente pequeno de professores no nosso Departamento que possam atuar sem restrições com presidente de concurso para titular de uma área específica, nem sempre é possível fazer escolhas ótimas. Por outro lado, fica totalmente incompreensível que, agravando ulteriormente o problema, tenha sido escolhido como outro participante da banca um *colaborador pessoal* do Prof. Shestakov. Qualquer pessoa de bom senso acharia no mínimo *questionável* que o Prof. Bahturin, que nem compreende a língua portuguesa (o idioma oficial do concurso), tenha condições de produzir uma avaliação genuinamente independente dos candidatos. Que a minha preocupação não seja apenas especulativa, é comprovado pelo fato que um dos

candidatos inscritos no concurso, o Prof. Stanley, expressou por escrito alguns questionamentos sobre a escolha da banca, apresentando argumentos na mesma direção das minhas observações. O fato do Prof. Stanley ter dado sua opinião apenas *um dia depois que o Prof. Futorny mostrou para ele a lista de nomes da banca*, não tira a legitimidade de seus argumentos, como o Prof. Futorny parece insinuar no item (4) da sua carta. Também, não há nenhum cabimento a pretensa que o Prof. Stanley apresente uma *proposta para o Conselho*, avançada pelo Prof. Futorny, sabendo que um candidato não está em condição de fazer propostas para a banca de um concurso onde se encontra inscrito.

Francamente, não me importo com que o autor da proposta ache a minha iniciativa de informar a Congregação sobre o problema uma “estranha posição agressiva”, mas confesso que me deixou surpreso saber que em momento nenhum a Congregação sentiu a necessidade de esclarecer melhor a situação. Por exemplo, não foi explicitamente perguntado ao proponente se o nome do Prof. Bahturin pudesse ser satisfatoriamente substituído com o nome de algum outro especialista nacional, sem vínculos com os outros membros da banca e com melhor capacidade de avaliar apresentações em língua portuguesa. Pelo que eu posso julgar com dados disponíveis na rede, existem *vários* especialistas nacionais com um currículo *em nada inferior ao do Prof. Bahturin*, que poderiam, e *deveriam* ser considerados.

Preciso esclarecer também algo sobre a aprovação da proposta de banca no Conselho do Departamento de Matemática, que ocorreu antes da aprovação pela Congregação. No item (3) de sua carta para a Congregação, o Prof. Futorny sustenta que eu teria feito afirmações “longe da verdade” quanto à aprovação da escolha do Prof. Bahturin. Na realidade, eu não fiz afirmação alguma especificamente sobre a aprovação do nome o Prof. Bahturin, e sim sobre a escolha global da banca, que além deste apresentou outros problemas de caráter ético. Muito ao contrário, eu lamento que o problemas específicos relacionados à escolha do Prof. Bahturin não puderam ser levantados durante a reunião do Conselho, em função do fato que o proponente omitiu de informar aos conselheiros sobre a relação pessoal deste com o presidente. Normalmente, as propostas de banca são apresentadas com uma carta dos titulares da área (que não precisam ser membros do Conselho, como afirmado no item (1) na carta do Prof. Futorny), e com algumas informações curriculares dos membros, por exemplo a lista de publicações disponível no MathSciNet. Com esses dados a disposição, e tendo o tempo suficiente que normalmente é concedido para uma análise da proposta, tenho certeza que o Departamento teria aprovado uma banca mais equilibrada. Nada disso foi apresentado pelo Prof. Futorny, que solicitou uma aprovação rápida da proposta, obtendo, que eu lembre, a aprovação com o mais baixo número de votos a favor para este tipo de decisão na história do nosso Departamento.

Atenciosamente,

Paolo Piccione  
30 de Agosto de 2007